

---

# DIFÍCIL RECONVERSÃO: FUTEBOL, PROJETO E DESTINO EM MENINOS BRASILEIROS\*

*Camilo Araújo Máximo de Souza*

*Escola Municipal Martin Luther King – Brasil*

*Alexandre Fernandez Vaz*

*Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil*

*Tiago Lisboa Bartholo*

*Antonio Jorge Gonçalves Soares*

*Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil*

**Resumo:** *O objetivo do artigo é analisar parte da trajetória de vida de dois jovens que realizaram testes em um grande clube de futebol europeu na década de 1990. As histórias, com desfechos distintos, têm um início comum: a escola de futebol Nova Geração. Os dados analisados foram obtidos a partir de entrevistas, dos diários de campo e das matérias jornalísticas que retratam a escola. As análises sugerem que encaminhar um menino na carreira de futebolista profissional, principalmente nas camadas populares, é um projeto familiar. Além disso, o processo de seleção e treinamento dos novos talentos não mais dispensa a inserção dos jovens escolhidos em sistemas rígidos de treinamentos em clubes ou escolinhas. O capital adquirido nos treinamentos é de difícil reconversão no caso de uma profissionalização frustrada ou ainda no momento da aposentaria do jogador profissional. Esse quadro demonstra que a escolha da profissão oferece inúmeros riscos para aqueles que se aventuram em conquistá-la.*

**Palavras-chave:** *detecção de talentos, escolarização, escolas de futebol, jovens.*

---

\* O trabalho é resultado de um esforço conjunto entre o Grupo Cultura e Esporte (coordenação) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea, ambos apoiados pelo CNPq.

**Abstract:** *The aim of this article is to analyze a time in the life stories of two Brazilian teenagers who were trialed in an important European football association in the 1990s. The stories, which had different endings, had a common start: the Nova Geração football school. We analyze interviews (with one of these teenagers, with other young players, and with Cacá, the coach of the football school) and also some articles of Brazilian newspapers about both players. The results indicate that leading a boy to become a professional football player, especially in the lower classes, is a family project. The selection and training of the new talents demands their presence in strict training programs in football clubs. In this context, it becomes difficult to conciliate sport life and school.*

**Keywords:** *formal school, new talents, football schools, teenagers.*

## Introdução

Não há dúvidas sobre as expectativas que muitos jovens brasileiros depositam no futebol como meio não só de ascensão econômica, mas também como caminho para alcançar a fama, tal qual ocorre com alguns jogadores brasileiros de times europeus. Em diferentes contextos, crianças e jovens destacam o futebol como uma experiência que lhes proporcionaria profissão ou meio de vida (Damo, 2005; Torri; Albino; Vaz, 2007; Zaluar, 1991). Esse movimento sobrevive, malgrado os fracassos de algumas trajetórias individuais no futebol.<sup>1</sup>

O sucesso nesse esporte faz com que o Brasil seja visto tanto pelos próprios brasileiros como pelos estrangeiros como o “país do futebol”. Não por acaso o jogador Thierry Henry, do selecionado time francês, declarou, às vésperas de uma partida contra a seleção nacional, que jogar contra os brasileiros era tarefa difícil pelo fato de estes “nascerem” jogando futebol. Em matéria do jornal *Folha de S. Paulo* (Técnica..., 2006), a técnica refinada dos jogadores brasileiros seria resultado, segundo Henry, das horas a fio, durante todos os

---

<sup>1</sup> O futebol profissional inclui desde os astros internacionais até aqueles que peregrinam de clube em clube em temporadas sazonais, com contratos de curta duração e eventualmente alternando o status de profissional e “amador”. Este é também um mercado que acolhe ex-profissionais ou aqueles que mal chegaram a assinar um contrato. As trajetórias podem significar o estrelato internacional, mas também a volta ao subúrbio e à prática do futebol comunitário (Guedes, 1982).

dias da semana, que os jovens aqui passam praticando futebol. As crianças francesas, em contrapartida, como argumenta, são obrigadas a freqüentar a escola durante período integral e se ocupam, logo depois, com as tarefas escolares em casa.

A declaração causou controvérsia, não só porque a dramatização midiática da competição faz parte da propaganda de uma partida de futebol, mas também porque essa polêmica tenha talvez acendido a má-consciência de um país onde a escolarização ainda carece de maior valor simbólico. A declaração de Henry reflete em grande medida a cristalização da imagem do Brasil como terra do futebol, do samba e do carnaval, mas vale lembrar que os anos de escolarização dos brasileiros aumentaram muito na última década, o que relativiza suas considerações.<sup>2</sup>

Na reportagem, o futebol é descrito como parte da “natureza” dos brasileiros, algo irrenunciável a qualquer menino nascido no seio dessa cultura.<sup>3</sup> O jogador francês se referia também aos grandes jogadores do selecionado time nacional, e sua declaração talvez tenha sido embasada em dois motivos que estão articulados. O primeiro é que o futebol aparece como um *projeto familiar*, ou seja, como uma atividade conscientemente escolhida (Velho, 1999) e freqüentemente vinculada não apenas aos desejos individuais dos jogadores (Rial, 2006; Torri; Albino; Vaz, 2007). O futebol como projeto faz convergir esforços diversos da família, centrados na expectativa de que um de seus membros possa ter sucesso e alavancar a vida familiar a patamares superiores de conforto e tranqüilidade (Rial, 2006). Esse processo pode ser iniciado nas “pe-

---

<sup>2</sup> O aumento da permanência na escola, entretanto, não foi acompanhado por uma melhora na qualidade do ensino o que leva à baixa aprendizagem, desmotivação e evasão escolar. O Relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e a Cultura (Unesco) indica que, tomando por base o ano de 2005, apenas 53,8% das crianças brasileiras matriculadas na escola conseguem terminar a 8ª Série (ou 9º ano). O problema da evasão e repetência se agrava quando observamos os dados relativos ao ano de 2003: 27,3% das crianças brasileiras foram reprovadas na 1ª série do Ensino Fundamental. Os dados relativos ao ano 2006 indicam que apenas 41% dos jovens, do sexo masculino, na faixa etária entre 15 e 17 anos estão matriculados no Ensino Médio (Repetência..., 2008).

<sup>3</sup> Um exemplo dessa imagem nos é fornecido pela própria auto-interpretação, como acontece, entre outros casos, com o filme *Garrincha, alegria do povo*, de Joaquim Pedro de Andrade (1962). Logo nas primeiras seqüências desse belo documentário cinemanovista, assistimos crianças alegremente jogando futebol na praia de Copacabana, pés descalços e torso nu, invocando uma “natureza pura” a se desdobrar posteriormente no grande ponta-direita.

ladas” informais, mas não mais dispensa o aparato das “escolinhas” de futebol, vinculadas ou não aos clubes profissionais.

Um segundo motivo diz respeito ao tempo gasto na preparação de um jogador no Brasil, algo que invariavelmente o distancia dos processos de escolarização adequados. O investimento no futebol pode configurar-se, em última análise, como trabalho precoce e infantil, ainda que, sem dúvida, em doses muito mais lúdicas do que a rotina estafante do labor no campo ou no mundo informal da cidade. Nesse contexto, vale destacar que Damo (2005) indica que aproximadamente 5.000 horas são gastas no processo total de formação de um jogador profissional, desde sua infância.

O futebol, pela rede de significados que envolve no Brasil, se torna um projeto de vida principalmente para as famílias de camadas populares, quando vislumbram em casa algum jovem com talento para o esporte. Os investimentos familiares<sup>4</sup> se transformam em histórias de sacrifício e dedicação que resultam em sucesso ou em frustração na biografia de muitos daqueles que se aventuram na construção de uma carreira profissional. É nesse contexto que se insere o presente trabalho, cujo objetivo é analisar parte da trajetória de vida de dois jovens, que na década de 1990 foram realizar testes em um grande clube europeu. Trata-se de casos antagônicos: Leandro,<sup>5</sup> nosso primeiro personagem, personifica a trajetória do jovem pobre que ascende socialmente e faz

---

<sup>4</sup> Um exemplo desses investimentos, oriundos de outro trabalho de campo do nosso grupo de pesquisa no futebol português em 2007/2008, ainda não publicado, foi fornecido pelo jogador Niquinha, ao contar a história de sua carreira. Niquinha iniciou sua trajetória em equipe da cidade de Franca, estado de São Paulo, antes de se transferir para o futebol português. Atualmente está na sua décima segunda temporada em Portugal. No diário de campo registramos um momento importante da carreira do jogador, que ocorreu quando ainda estava na categoria juniores do time de Franca. Niquinha recebeu uma proposta para atuar no Clube Náutico Capiberibe, de Recife, porém pouco antes de assinar o contrato, em uma partida recreativa com amigos no mês de janeiro, o jogador fraturou a fíbula. Ao consultar ortopedista famoso e reconhecido, foi informado que teria duas possibilidades para resolver aquele problema: a) imobilizar com gesso a perna e aguardar três ou quatro meses para recuperação completa; b) realizar uma cirurgia para colocar pinos metálicos para reforçar a ossatura e estar pronto para colocar o pé no chão em 30 dias. A cirurgia só poderia ser realizada pela rede privada de saúde e custaria algo equivalente a cerca de R\$ 8.000,00. Sua família, de origem humilde e com poucos recursos econômicos, resolveu vender um terreno, que havia sido comprado com as economias familiares para construção da casa própria, para cobrir os custos da cirurgia.

<sup>5</sup> Todos os nomes próprios foram trocados neste artigo para garantir o sigilo dos entrevistados e os observados, mesmo que a pesquisa disponha de autorização expressa deles para a divulgação de suas identidades pessoais.

fortuna no futebol europeu. Marcelo, por sua vez, tendo a mesma origem social, não consegue firmar sua carreira de jogador nem na Europa, nem no Brasil. Depois de insistir por alguns anos na carreira profissional, abandona o futebol precocemente e ingressa no mercado de trabalho com poucas qualificações para essa nova fase de sua vida.

As fontes utilizadas para narrar as trajetórias dos dois personagens foram os registros dos diários de campo de estudo realizado na escola de futebol Nova Geração, entrevistas diretas com Seu Cacá, professor da escola, entrevistas com Marcelo, jornais brasileiros e estrangeiros que divulgaram reportagens sobre os dois jogadores ou sobre a escola de futebol. Não realizamos entrevistas com Leandro uma vez que ele reside no exterior com sua família.

As histórias desses jogadores têm desfechos distintos, mas um início comum: a escola de futebol Nova Geração, localizada no Parque do Aterro do Flamengo, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. A escola existe desde 1989, foi idealizada e é dirigida desde a sua fundação por Seu Cacá, personagem fundamental nessas histórias, e sobre o qual comentaremos mais adiante. Leandro e Marcelo, oriundos das camadas populares do Rio de Janeiro, enxergaram no futebol uma possibilidade de ascensão social via a profissionalização no esporte. Os jovens, que tinham respectivamente 12 e 13 anos de idade, foram alvos de interesse de um grande clube da Holanda, porém apenas um conseguiu se estabilizar na carreira de jogador profissional e segue até hoje com contratos em clubes no mercado europeu.

A partir dessas narrativas biográficas, analisamos como o futebol se materializa como um projeto de vida de jovens oriundos das camadas populares. Esses jovens buscam a inserção nessa concorrida carreira profissional que oferece poucas possibilidades de reconversão, visto que os saberes e experiências no futebol pouca valia têm para uma posterior entrada no mercado de trabalho após o insucesso no esporte ou o término da carreira. Acreditamos que estudos dessa natureza auxiliam a problematizar como o futebol se constitui num dos caminhos de subjetivação desses jovens na sociedade brasileira.

## Descrevendo o campo e seu personagem central

Carlos Fernando, conhecido como Seu Cacá, tem hoje 74 anos de idade. Embora não tenha sido jogador de futebol profissional, ele afirma que jogou na categoria “amador” – que corresponde à de juniores hoje em dia – do Bangu

Atléticos Clube, na década de 1940. O clube tem sede no subúrbio e pertence hoje à segunda divisão do futebol carioca, depois de ter figurado, sazonalmente, como uma das forças do futebol do Rio de Janeiro.

Nosso acesso ao clube apresenta características peculiares, que merecem destaque no estudo. Conhecemos Seu Cacá numa fila de banco. Na conversa informal que se estabeleceu ali, sobre temas como futebol, novos talentos e masculinidade, descobrimos que ele tinha uma escola de futebol conhecida no Rio de Janeiro, e que ele nos permitiria visitá-la.<sup>6</sup> Duas semanas depois sentávamos à beira do campo para observar o treino da Nova Geração. Conosco estavam alguns pais de alunos, uma vendedora ambulante e alguns curiosos que observavam o jogo. Após a partida conversamos com Seu Cacá sobre o interesse de realizar uma pesquisa sobre sua escola. Fomos informados que poderíamos conversar com os meninos e os pais sem restrição, assim como assistir as aulas dentro do campo, caso fosse necessário. Parte da receptividade desses atores sociais se deu pela importância atribuída à presença dos jornalistas e pesquisadores na Escola. Seu Cacá dizia, reiteradamente, que a televisão, os repórteres e os pesquisadores eram bem vindos porque divulgavam o trabalho. A posição de destaque que os nativos criaram para os pesquisadores proporcionou a livre circulação pela escola de futebol.

A autoridade do treinador como *expert* em futebol, perante pais e alunos na Nova Geração, emana de seu passado nesse esporte e do capital corporal<sup>7</sup> (Wacquant, 2000) que ainda exhibe ao tocar na bola durante as aulas-treino. Memória sobre os vínculos esportivos e capital corporal é fonte fundamental de autoridade no campo do esporte. Apesar do mercado de trabalho do esporte no Brasil ser ocupado cada vez mais por profissionais oriundos das faculdades de Educação Física, o capital corporal, o saber-fazer, e o passado esportivo como jogador, são requisitos importantes para legitimar o papel do treinador de futebol.

Outra fonte de autoridade de Seu Cacá decorre do fato de a Nova Geração não cobrar taxas dos seus alunos, o que a diferencia das outras escolas que

---

<sup>6</sup> Nesse meio tempo já havíamos nos identificado como professores e pesquisadores do tema futebol.

<sup>7</sup> Damo (2005, f. 105) emprega uma interessante versão do conceito de capital corporal associada à categoria nativa de dom. Para ele, existiria um “capital futebolístico”: “Trata-se de uma modalidade de capital corporal que, combinada aos capitais convencionais - social e simbólico, sobretudo -, é requerida para a inserção legítima no campo do profissionalismo. A noção de capital futebolístico é pensada tanto a partir da noção bourdiana de capital quanto do dom, tido como sinônimo de talento em uma de suas acepções.”

também funcionam no parque do Aterro do Flamengo e que cobram mensalidades entre 20 e 40 reais. Além do treinamento, Seu Cacá também oferece um lanche ao fim das atividades, composto de um sanduíche, um copo de suco e uma banana para os meninos de todas as categorias. Segundo o treinador, o alimento no final dos treinos é importante porque muitos meninos são oriundos de áreas pobres da cidade como Santa Marta, Tavares Bastos, Santo Amaro, Jacarezinho, Mangueira, Complexo do Alemão, Providência.<sup>8</sup>

A gratuidade da escola e o fornecimento de lanches são motivo de orgulho para Seu Cacá. O sucesso da escola está vinculado à seleção dos alunos a partir das aptidões para o futebol. A partir do discurso da carência e da desestrutura familiar, Seu Cacá observa seu projeto como um espaço de formação do “caráter” para esses meninos que muitas vezes são moradores de favelas ou pertencem a famílias vistas como desagregadas, muito embora o treinador, por vezes, afirme paradoxalmente que a família é fundamental para o sucesso do futuro atleta. A idéia de pobreza e desestrutura familiar é uma marca na análise social brasileira e se reflete nos discursos do cotidiano.<sup>9</sup> Segundo Seu Cacá, o projeto cumpre uma função formativa para os garotos que freqüentam as sessões de treinamento e, por essa razão, ele constantemente reafirma que seu projeto é para “formar homens de caráter”.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Para mais detalhes sobre o deslocamento dos jovens até o Aterro do Flamengo e o processo de recrutamento de jovens para os times da Nova Geração, ver Souza (2007).

<sup>9</sup> Giacomini (2006) realiza uma revisão crítica da literatura sociológica brasileira de Freyre a Florestan Fernandes e demonstra a persistência da interpretação de que a família negra é desestruturada em função da diáspora e das condições que se lhe impuseram. Observemos que raça, pobreza (favela) e desestrutura familiar compõem uma interpretação com alta dose de etnocentrismo que ainda permanece nos textos e nas falas na sociedade brasileira.

<sup>10</sup> A formação do caráter aparece nas falas de Seu Cacá nos momentos da preleção dos jogos e nas conversas com os jovens ao longo das partidas. Seu Cacá afirma que os jovens têm que se dedicar aos treinos, respeitar os mais velhos, ter coragem, disciplina e não se envolver com drogas. Vejamos alguns trechos do diário de campo: 1) “Meus filhos, quem se dedica, quem trabalha sério, quem tem disciplina consegue vencer na vida. Podem acreditar (Diário de campo, 19/08/2006); 2) “Esse cara que estava aqui jogava muito mesmo, foi um dos meninos que passou aqui na escolinha que tinha o maior potencial, tinha tudo para ser um grande jogador. Nós fizemos de tudo para que ele seguisse a carreira de jogador, até pegar ele em casa para levar para o treino eu fiz, sabe o que adiantou? Porra nenhuma! O cara não tinha responsabilidade com nada, discutia com treinador, com jogador e se desse mole até com o presidente do clube ele arrumava problema. Vocês têm que saber que para vencer no futebol, não basta jogar muito, saber driblar e fazer gols tem que saber usar a cabeça tem que ser inteligente e acima de tudo precisa treinar e se dedicar muito! Se não, não chega a lugar nenhum!” (Diário de campo, 15/10/2006).

O fornecimento de lanches ganhou regularidade a partir da “parceria”<sup>11</sup> estabelecida entre a Nova Geração e o clube holandês Feyenoord Football Club. Foram os recursos doados por um diretor deste clube que possibilitaram isso. O clube da cidade de Rotterdam<sup>12</sup> ajudou financeiramente a Nova Geração durante dez anos – de 1994 até 2004 – com o envio de seis mil dólares anuais, além do fornecimento de materiais para os treinamentos, como bolas, uniformes, chuteiras e cones. O Feyenoord iniciara em 1995 uma nova estratégia para captar jogadores. O foco principal passou a ser direcionado a jovens de até 17 anos, recrutados principalmente em países sul-americanos e africanos, embora o clube também mantivesse outros centros de seleção de talentos na Holanda, na Bélgica e no Japão.<sup>13</sup> Organizado como clube-empresa, o Feyenoord tem o controle acionário de um grupo de investidores que apresenta como principal meta revelar talentos e negociá-los com clubes de maior poder financeiro da própria Holanda e em outros países da Europa nos quais o mercado futebolístico é mais próspero, como Itália, Inglaterra, Espanha e Alemanha.

Segundo Seu Cacá, o Feyenoord passou a investir em jogadores com pouca idade na medida em que sua contratação envolve custos baixos porque são talentos ainda potenciais para o futebol profissional. Apesar do alto grau de risco desses investimentos, alguns jogadores podem significar lucros muito mais altos. Um outro motivo que levaria os holandeses a buscar jogadores mais novos seria a possibilidade destes se acomodarem com mais facilidade ao clube e às normas de convivência em um outro contexto cultural. Ao chegar à Europa ainda adolescente, o jogador teria pelo menos entre três e cinco anos de adaptação à rotina dos treinamentos, ao tipo de jogo, ao idioma, à comida e a outros hábitos locais, todos aspectos necessários para que uma transferência seja bem sucedida.

---

<sup>11</sup> Reproduzimos aqui o conceito utilizado por Seu Cacá para caracterizar a relação que a escola Nova Geração tinha com o clube holandês.

<sup>12</sup> Segundo maior município em população, nos Países Baixos, após a capital Amsterdã, e a maior na cidade da província de Zuid-Holland (Holanda do Sul).

<sup>13</sup> A parceria foi desfeita quando o supervisor do clube responsável pela criação da parceria deixou o Feyenoord para trabalhar em um clube do Reino da Arábia Saudita, mercado, em conjunto com outros países do Oriente Médio, há décadas ocupado por treinadores e outros membros de comissão técnica estrangeiros (inclusive inúmeros brasileiros) e mais recentemente também disponível para jogadores de médio potencial ou já fora da sua melhor condição. O novo coordenador das divisões de base do clube holandês não teria se interessado em manter o convênio com a Nova Geração.



A parceria foi estabelecida em 1994, quando Peter De Van der Visser, coordenador das categorias de base do clube holandês, assistiu na televisão a uma série de reportagens de um canal inglês sobre *projetos sociais* que atendiam crianças e jovens oriundos de famílias de baixa renda no Rio de Janeiro. Em uma das reportagens, Peter conheceu a escola de futebol Nova Geração. Ele gostou muito do que observou e por meio de um amigo que trabalhava na televisão holandesa obteve o contato do cinegrafista Robert, no Rio de Janeiro. Robert, que é inglês naturalizado brasileiro e morador, há mais de 30 anos, do bairro do Catete, contíguo ao Flamengo, trouxera os ingleses da televisão para conhecer o projeto de seu amigo Cacá. Como trabalha para agências de publicidade e possui contato com equipes de reportagem de vários países europeus, ele é frequentemente requisitado para atuar como uma espécie de guia que as leva até os locais onde o trabalho será feito.<sup>14</sup>

A escola do Aterro, segundo o relato de Seu Cacá, também se enquadrava no perfil que o coordenador do Feyenoord procurava, pois lá se trabalhava com meninos que não possuíam vínculos com clubes registrados na Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Isso simplificava uma possível transferência para o futebol europeu ao diminuir os custos e entraves administrativos com a CBF e com os clubes profissionais. A Nova Geração foi, assim, a primeira escola a ser procurada pelo representante do clube europeu.

Durante um mês, o olheiro<sup>15</sup> holandês acompanhou os treinamentos da escola, fazendo seguidas anotações sobre o desempenho de cada uma das crianças e jovens que lá treinavam. Seu Cacá explica que três meninos chamaram a atenção: Marcelo, jogador de meio campo com muita habilidade e visão de jogo, na época com 13 anos; Anselmo, atacante habilidoso e bom finalizador, com 12 anos; e Leandro, também com 12 anos, atacante, muito habilidoso, veloz e bom finalizador.

Os três meninos residiam em áreas empobrecidas do município do Rio de Janeiro. Leandro, que treinou durante dois anos na Nova Geração, morava no Engenho da Rainha, comunidade situada no subúrbio, e fora descoberto por

---

<sup>14</sup> Nos diários de campo não houve qualquer registro do sobrenome do cinegrafista. Este dado indica a informalidade do processo na construção dos contatos que levaram a concretização da “parceria”.

<sup>15</sup> *Olheiro* é uma espécie de consultor no mundo do futebol, alguém que observa, analisa e cataloga novos talentos observados em competições e treinamentos, recomendando-os a clubes de futebol profissional. Os olheiros podem ser funcionários dos clubes ou atuar como *freelancers* para eles.

Seu Cacá em uma “pelada” no clube Everest, pertencente à terceira divisão do futebol carioca. Marcelo, morador da Vila Aliança, localizada em Bangu, foi para a Nova Geração por incentivo do pai, que conhecia Seu Cacá. Anselmo, que morava na área conhecida como Jacarezinho, na zona norte do Rio de Janeiro, chegou à escola do Aterro indicado por “Zé”, auxiliar de Seu Cacá à época.

Entre o primeiro contato do olheiro do Feyenoord com os jovens e a viagem para a Holanda, foram longos 12 meses de expectativa. Após solucionarem os problemas com os *papéis*<sup>16</sup> necessários para a viagem dos jovens, Seu Cacá e os três jogadores viajaram para Rotterdam. Embarcaram no mês de agosto, sob a paternal proteção do treinador brasileiro.

Lembremos que esse período no Brasil representa o reinício das atividades letivas nas escolas, o que indica uma aposta que as famílias dos meninos, pertencentes às camadas populares, fizeram na carreira de jogador para seus filhos. A viagem durou um mês o que significou para os jovens a perda de mais de 20 dias letivos. Enquanto estiveram na Europa para o período de testes, os jovens não frequentaram a escola e permaneceram apenas realizando treinamentos e sendo avaliados. Observamos por essa breve descrição que os jovens e seus responsáveis assumiram um provável prejuízo nos conteúdos escolares, o que poderia significar notas baixas ou até a reprovação no ano letivo. Isso indica a relevância dessa *oportunidade* na vida dos três jovens.

Há também que se destacar que as famílias deixaram três jovens legalmente menores sob a responsabilidade de um senhor para irem ao exterior em busca da realização do sonho. Isso mostra como as apostas são feitas na aventura do futebol, já que, não raro, tomamos contato com histórias de famílias pobres que foram vítimas de golpes de falsos empresários que solicitam pequenos investimentos para agilizar documentos e outros supostos custos.

## A trajetória de Leandro: “rompendo barreiras”

A história de Leandro repete inúmeras narrativas divulgadas na mídia sobre a ascensão social e econômica por meio do esporte. Mesmo que a impren-

---

<sup>16</sup> Esse termo foi usado por Seu Cacá e significa os documentos necessários para a viagem dos jovens: passaportes, visto de entrada na Holanda e autorização dos pais ou responsáveis para que os menores pudessem viajar acompanhados e sob a responsabilidade de Seu Cacá.

sa também divulgue histórias dos jovens mal-sucedidos em suas empreitadas na busca do estrelato, o imaginário sobre o futebol reafirma que este é um meio de ascensão social. Crescido no Engenho da Rainha, Leandro vivia em casa humilde com banheiro, quarto e sala e cozinha. Sua mãe sustentava a família como vendedora ambulante de roupas.<sup>17</sup>

Segundo relatos do Seu Cacá, Leandro e seu irmão caçula foram criados pela mãe, Madalena, pois seu pai abandonara a família logo após o seu nascimento. Durante a infância o jovem não chegou a passar fome, mas teria enfrentado inúmeras dificuldades devido aos poucos recursos financeiros de sua família. Seu irmão e ele estudavam em escolas públicas durante um período do dia e ficavam sozinhos na outra parte do dia, em função do trabalho da mãe.<sup>18</sup>

A Nova Geração não foi a primeira escola de futebol freqüentada pelo menino. A Escola Almirante, como é conhecido o núcleo de desenvolvimento de talentos do Clube de Regatas Vasco da Gama, tradicional associação do futebol brasileiro, foi onde Leandro deu os primeiros passos de sua carreira, mas lá não permaneceu por muito tempo. Além de ser mais distante da sua casa, a escola cobrava mensalidades e sua mãe não possuía recursos para arcar com mais esta despesa. Após sair do Vasco, Leandro ingressou na escola do Clube Everest, localizado no bairro de Inhaúma, próximo à sua residência. A referida escola cobrava uma mensalidade mais adequada ao orçamento familiar. Reparemos que apesar de dispor de poucos recursos, a família de Leandro investiu o que podia para que o filho pudesse desenvolver seu talento. Rial (2006) mostra que muitos jogadores brasileiros de sucesso na Europa de fato são oriundos de camadas populares, mas, muito raramente, de extratos miseráveis da população.<sup>19</sup>

No Everest, Leandro conheceu Seu Cacá por ocasião de um jogo amistoso entre um time da Nova Geração e um da escola do clube. O jovem não participou do jogo, mas o treinador viu o menino “batendo bola em um campinho” localizado ao lado do campo principal no qual transcorria a partida. Seu Cacá

---

<sup>17</sup> Sobre a trajetória de vida de Leandro, ver Craque tipo importação (2004), Meninos do Brasil... (1999) e Cacá aos Ronaldos (1998).

<sup>18</sup> Ver Os meninos da Holanda (1997).

<sup>19</sup> O trabalho de Waquant (2002) também indica que aqueles que se fixavam no desenvolvimento do boxe no gueto de Chicago eram oriundos, naquele bairro pobre, de famílias mais estáveis financeiramente.

conta que a habilidade com que o menino conduzia a bola despertou sua atenção, o que lhe fez dirigir-se ao menino e perguntar-lhe pela presença dos pais. Com a resposta afirmativa, o treinador pediu que ele chamasse sua mãe para uma conversa. Quando Madalena chegou, o treinador explicou-lhe que dirigia uma escola de futebol no Aterro do Flamengo havia vários anos, que ela era gratuita e que de lá já se haviam credenciado muitos meninos para clubes de futebol profissional.

No final de semana seguinte, Madalena e Leandro foram ao Aterro do Flamengo para o primeiro treino do menino na escola. Para Seu Cacá o incentivo familiar é importante para o sucesso dos jovens no futebol: “É preciso ter alguém junto, para apoiá-los nos momentos de dificuldade, que mostre as decisões corretas que devem ser tomadas ao longo da carreira, que faça com que os meninos se afastem dos perigos existentes, como as drogas, marginalidade, situações que podem desviar o futuro atleta do esporte.” (Diário de campo, 22/10/2006).

Seu Cacá destaca que alguns meninos, quando percebem que existem normas a serem respeitadas e seguidas, entendem que não conseguirão acompanhar o *ritmo* de sua escola e abandonam os treinos, por não estarem *maduros* para entender que todo esse processo rígido que sustenta sua pedagogia será muito importante para a formação como jogador e homem. Essa *maturidade* é algo que se assemelharia à incorporação da rígida disciplina exigida pelo esporte profissional, a uma auto-regulação que o treinamento com vistas ao rendimento demanda. Essa regulação compõe o *ethos* do esporte, algo que em linhas gerais está na base de sua origem como instituição moderna.

Autores distintos como Norbert Elias e Eric Dunning (1986) e Peter Gay (1993), entre outros, demonstram como o esporte se torna uma espécie de índice do processo civilizador, no caso do primeiro, ou como retentor das pulsões voltadas à violência, no segundo. O controle da violência e da exacerbação das emoções, função civilizadora incorporada ao esporte e sua pedagogia, assim como a formação do *gentleman*, homem maduro com discernimento para saber que um jogo é diferente da vida real, são momentos diferentes daqueles vividos pelos jovens jogadores de futebol em sua formação. Permanece, no entanto, o caráter disciplinador que as práticas esportivas exigem ao corpo e seus movimentos. Em outras palavras, embora o componente lúdico do futebol possa fazer relativizar essas perspectivas – sem desconsiderá-lo, muito pelo contrário –, as exigentes horas gastas com a formação de um jogador reafirmam a dinâmica psicorreguladora que a formação do competidor exige.

A *maturidade* teria a ver, assevera Cacá, com hábitos básicos de educação exigidos a qualquer criança ou adolescente, o que tornaria, na sua visão, inadmissível que atos de violência acontecessem durante os treinos, assim como desrespeito aos colegas e treinadores, falta de seriedade e de compromisso com a escola. Estes hábitos deveriam ser ensinados, segundo o treinador, primeiramente no seio familiar, de forma que cada menino já trouxesse isso *de casa*. A representação que ele faz, semelhante àquelas construídas sobre a origem das “classes perigosas”, é que as famílias desestruturadas não possuem capital e estabilidade para educar seus filhos, o que torna mais difícil a inserção dessas crianças em qualquer grupo que possua normas e regras.

Wacquant (2002, p. 61) aponta as limitações impostas aos jovens de famílias próximas à miserabilidade que tentam ascender socialmente por meio do boxe, esporte com forte apelo nos Estados Unidos, em algo semelhante ao futebol no Brasil:

É preciso, no entanto, sublinhar que, contrariamente a uma imagem bastante difundida, vinda do mito indígena do “boxeador que tem fome” e periodicamente reavivada pela atenção seletiva da mídia para os representantes mais exóticos da profissão – tal como o campeão de todas as categorias Mike Tyson – os boxeadores não são geralmente recrutados entre as frações mais deserdadas do subproletariado do gueto, mas sim no interior das franjas da classe operária local, nas bordas da integração socioeconômica estável. Essa (auto) seleção, que tende de fato a excluir os mais excluídos, não se opera sob o efeito de uma penúria de recursos monetários, mas pela mediação das disposições morais e corporais acessíveis a essas duas frações da população afro-americana.

É pelo viés das inclinações e dos hábitos exigidos pela prática pugilística que os jovens saídos de famílias mais despossuídas são eliminados: tornar-se pugilista exige, de fato, uma regularidade de vida, um sentido de disciplina, um ascetismo físico e mental que não pode se desenvolver em condições sociais e econômicas marcadas pela instabilidade crônica e pela desorganização temporal. Abaixo de um determinado limiar de estabilidade pessoal e familiar objetiva, torna-se altamente improvável adquirir os meios corporais e morais indispensáveis para amadurecer com sucesso no aprendizado desse esporte.

Leandro tinha nove anos quando ingressou na Nova Geração. O treinador lembra que o jovem sempre foi dedicado, não faltava às sessões de treinamento, empenhando-se bastante mesmo que muitas vezes fosse um pouco *temperamental*. Reclamava constantemente com os companheiros quando não

recebia passes durante os treinamentos e se irritava com as marcações feitas por árbitros de jogos e treinos. Seu Cacá, em uma das conversas, relatou que Leandro, mesmo antes do interesse dos “olheiros” estrangeiros já era tido por todos na Escola como um grande jogador. Desfrutava de um capital corporal que lhe permitia reclamar e exigir maior participação no jogo. Leandro demonstrava desde cedo *personalidade*, característica, para o velho professor, dos grandes jogadores.

Nessa primeira viagem os jovens ficaram hospedados na casa da mãe do jogador Gláucio, que havia sido contratado recentemente para o time profissional do Feyenoord. Seu Cacá relatou que a escolha de não ficar em um hotel foi estratégica, visava uma adaptação mais amena para os jovens. Calculou-se na época que um hotel seria um espaço menos familiar e aconchegante, o que poderia causar desconforto a meninos que contavam com 12 e 13 anos de idade.

Após o período de testes na Holanda, Leandro ficou seis meses no Brasil apenas treinando na escola da Nova Geração e aguardando o chamado, desta vez em definitivo, para a viagem à Europa. Embora Seu Cacá também tivesse acompanhado o menino nesta segunda viagem, só permaneceu em Rotterdam durante 20 dias, voltando em seguida para o Rio de Janeiro.

Na Holanda o menino passou a morar na concentração do clube, chamada de “Casa dos Talentos”, onde ficavam alojados jovens de outras cidades do país e do exterior. A adaptação de Leandro foi rápida. Em poucos meses já conseguia entender a língua e em aproximadamente um ano já se comunicava com os companheiros em holandês. Durante sua permanência na Holanda, o menino foi matriculado em uma escola regular, onde permanecia de segunda a sexta-feira das 9h às 16h. Além disso, recebia aulas particulares de holandês. Os treinamentos aconteciam sempre após o horário escolar. Embora treinasse todos os dias, os meninos só chegavam ao clube no final da tarde. Leandro teve uma carreira de destaque nas categorias de base do Feyenoord e tornou-se profissional precocemente, aos 17 anos. Cacá explica que o sucesso de Leandro foi tão grande que despertou interesse de outros clubes da Holanda e da Inglaterra, e que por isso a direção do clube resolveu profissionalizá-lo mais cedo, dificultando uma possível transferência.

Em uma das conversas durante treinamento da categoria juvenil, o treinador relatou que retornou a Rotterdam outras três vezes (Diário de campo, 22/07/2006). Na primeira ocasião já havia se passado um ano e, para sua surpresa, Leandro já dominava a língua do país e não precisava do intérprete para auxiliá-lo nas tarefas diárias. O jovem brasileiro foi o tradutor de Cacá junto aos dire-

tores do clube holandês. Durante o primeiro ano na Holanda, Leandro conseguiu *tirar* sua mãe e seu irmão da comunidade do Engenho da Rainha, repetindo o sonho de muitos futebolistas oriundos das camadas populares e correspondendo ao empenho familiar dedicado à sua carreira. A diretoria do clube holandês enviava uma quantia correspondente a mil dólares mensais para a mãe, que permanecera no Brasil. Com a ajuda de custo, a família conseguiu alugar um apartamento de dois quartos no bairro da Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro, e melhorou consideravelmente o padrão de vida.<sup>20</sup>

Na avaliação de Cacá é muito difícil que um morador de uma “comunidade”, sem oportunidade de ter uma boa educação, sem boas condições de alimentação e moradia, chegue a um país europeu e consiga se adaptar. Em sua opinião, foi um universo novo que surgiu para aqueles meninos que viajaram para a Holanda. Tudo para eles era novidade, desde fazer três refeições por dia e morar numa casa em boas condições, até dormir em camas individuais que possuíam estrados.

Ao comentar sobre a vida de Leandro, destaca que o menino possui o “dom” – o talento inato – de jogar futebol. Entre os cem meninos que freqüentavam a escola, somente ele e mais dois foram escolhidos. Mas, apenas o fato de ser um exímio jogador não o levou à equipe profissional do Feyenoord. Leandro teria sido dedicado, disciplinado, perseverante, por isso “venceu” no futebol europeu. Segundo o treinador, Marcelo, Anselmo, Palhinha e Mizael – meninos que também treinaram no Feyenoord – também tinham o “dom”, tiveram a mesma oportunidade, mas não os correspondentes empenho, dedicação, disciplina e perseverança que Leandro, não alcançando, portanto, a mesma trajetória de sucesso no futebol.<sup>21</sup> O número de postos de trabalho no futebol é limitado e depende de inúmeros fatores, desde dedicação e disciplina até as possibilidades que o mercado apresenta em distintos momentos, além da casualidade embutida em cada ação humana. O discurso dos treinadores, jogadores, jornalistas e familiares no Brasil, destaca, no entanto, que o sucesso e o fracasso dependem de saber usar o dom tendo dedicação e disciplina.

Eu o considero um vencedor, um guerreiro, porque não é fácil você sair com 12 anos de idade do Brasil e encarar um país totalmente diferente daqui, como é a Holanda. O cara tem que ser *foda* para encarar, tanto é que os dois meninos que

---

<sup>20</sup> Conferir Os meninos da Holanda (1997).

<sup>21</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre o “dom” no futebol, consultar Damo (2005).

também foram para o Feyenoord na segunda viagem, o Mizael e o Palhinha, não conseguiram suportar a pressão que é ficar tão longe da família, em um país diferente, e hoje não são *porra nenhuma*. O Palhinha, inclusive, já me disseram que anda com más companhias, anda com bandidos da comunidade do Jacarezinho, bebe cerveja e fuma maconha, e o Mizael joga em um time da terceira divisão, aqui do Rio de Janeiro. (Diário de Campo, discurso de Seu Cacá, 22/07/2006).

A relação entre Seu Cacá e Leandro, atualmente, se resume a um telefonema por ano. A mãe de Leandro costuma ligar nos fins de ano, para saber se está tudo bem e desejar um feliz Natal. O jogador, quando está em férias, vem ao Brasil, mas raramente passa na Nova Geração para falar com o antigo treinador.

## A história de Marcelo

Marcelo Pereira, ex-aluno da escola de futebol Nova Geração realizou, em 1994, sua primeira viagem para fora do Estado do Rio de Janeiro. Tinha na época 12 anos de idade e o destino era a Holanda. Marcelo, como já descrito anteriormente, partiu com Leandro e Anselmo para um período de testes no Feyenoord F. C. Essa viagem e tudo o que ela simbolizava deveriam marcar o início da trajetória desse jovem no processo de formação e a posterior profissionalização no futebol.

Marcelo tem hoje 25 anos, trabalha como vigilante do Palácio da República, um museu localizado no bairro do Catete. Casado, tem duas filhas. Mora na Vila Aliança, no bairro de Bangu. Estudou em escolas da rede municipal e estadual daquele bairro e cursou até o primeiro ano do ensino médio. Ele relata que sempre teve, desde muito pequeno, vontade de ser jogador de futebol e não tinha nenhuma outra expectativa em relação à vida profissional. Durante a entrevista ele explica como via o seu futuro:

Eu sempre pensei em ser jogador, desde garoto, nunca pensei em nada diferente. A minha família sempre quis que eu estudasse e eu até gostava de estudar, mas não tinha um sonho de ser alguma coisa com o estudo, por exemplo, professor, médico ou outra coisa. Eu pensava em estudar para saber falar nas entrevistas, não falar tudo errado, coisas assim que eu pensava. (Entrevista com Marcelo, 25/03/2007).

A carreira futebolística de Marcelo teve início em 1994, quando ingressou na Nova Geração por meio de um contato feito por seu pai, porteiro em um prédio localizado na mesma rua que o treinador Cacá vivia. O jovem iniciou os



treinamentos na escola na mesma época em que os representantes do clube holandês estavam no Rio de Janeiro para observar os meninos que lá treinavam. Os olheiros holandeses gostaram do desempenho de Marcelo nos treinamentos, assim como os de Leandro e de Anselmo. Marcelo também entrou na relação dos meninos selecionados para um período de testes no exterior. Ele conta que tudo aconteceu muito rápido:

[...] é uma coisa até legal de eu contar que no primeiro treino que eu vim fazer aqui no Cacá, ele pode te confirmar essa história, eu cheguei para treinar e o pessoal do Feyenoord estava lá observando o Leandro, que joga lá na Holanda até hoje, mas no primeiro treino que eu fiz o pessoal da Holanda falou que queria me levar, aí até o Cacá falou que eu estava vindo pela primeira vez, mas, os caras falaram que queriam que eu fosse para lá. O meu pai quando soube ficou “doido”. (Entrevista com Marcelo, 25/03/2007).

A *sorte* elemento chave no discurso dos futebolistas de sucesso, parecia ter dado as mãos a Marcelo.<sup>22</sup> Com menos de uma semana na escola ele já conseguiu chamar a atenção de *head-hunters* estrangeiros. Marcelo tinha nesse convite a oportunidade de queimar etapas para chegar ao futebol europeu. Ele treinou na Nova Geração até agosto de 1994, quando o Feyenoord enviou as passagens para os três meninos viajarem para o período de avaliação.

Os testes no clube holandês foram uma experiência marcante na sua vida. Para uma boa parte dos brasileiros que deixam o país, a aventura da emigração coincide com a sua primeira longa viagem para o exterior. Não conhecem o país de destino e tampouco a língua, o clima, a cultura e a culinária (Rial, 2006). No período em que esteve na Holanda, Marcelo teve a oportunidade de tomar contato com uma nova cultura, diferente de tudo que tinha vivido até aquele momento, conheceu um “outro mundo” até então inacessível para um menino pobre morador de uma favela: viagens de avião, pagamento em dólares<sup>23</sup> e a

---

<sup>22</sup> Podemos indicar que a idéia de sorte ou azar são racionalizações posteriores retomadas na memória do ator no sentido de indicar o evento ou a interação que definiu seu destino. Ver também o trabalho pioneiro de Guedes (1982) quando narra às fases vividas pelos aspirantes à profissão de jogador; e Damo (2005) quando indica que não só o dom/talento define a “sorte” de um futebolista, outros critérios e a interação entre diferentes agentes definem o que é ter tido sorte ou não.

<sup>23</sup> Marcelo, em uma das entrevistas, afirmou que recebeu informalmente uma ajuda de custo em dólares por parte de um dirigente do clube. O dinheiro teria sido trazido ao Brasil para ajudar a reformar a casa da família.

possibilidade real de mudar de vida e ascender economicamente por meio do futebol.

A estrutura do clube foi outro fator que impressionou o menino. O Feyenoord possui um centro de treinamento com vários campos de dimensões oficiais, um pequeno estádio para os jogos das categorias de base, alojamento, restaurante, setor de medicina do esporte e sala de musculação. Ao comparar a estrutura dos clubes brasileiros onde ele teve a oportunidade de jogar, com a do clube holandês, comenta:

Não tem como comparar, não tem lógica, a estrutura do Feyenoord se você for comparar com o Ceres [equipe da segunda divisão do campeonato estadual do Rio de Janeiro pelo qual atuara] é impossível; é a mesma coisa que comparar o “rico” com o “pobre”, é coisa de outro mundo. (Entrevista com Marcelo, 25/03/2007).

A rotina de treinamentos era intensa, outra novidade para ele:

Mas continuando a te falar, depois do café da manhã o motorista junto com a moça que era nossa intérprete lá, levavam a gente para o treino, a gente treinava de manhã,<sup>24</sup> depois almoçava lá mesmo no centro de treinamento ia descansar nos quartos; na parte da tarde a gente treinava de novo, parava para descansar e lanchar e depois voltava no início da noite; era cansativo, mas dava para agüentar. O que me chamou mais atenção foi que cada vez que a gente ia treinar o roupeiro dava uma roupa diferente, a roupa que a gente usava de manhã era uma, de tarde era outra e à noite outra roupa diferente [...] Aqui no Brasil a gente não tinha isso, jogava com a mesma roupa várias vezes. (Entrevista com Marcelo, 25/03/2007).

Como anteriormente destacado, Marcelo não freqüentou as aulas na sua escola formal no Rio de Janeiro durante todo o mês de agosto. Quando a *oportunidade* de jogar futebol profissional surgiu, o jovem, apoiado pelos familiares, não teve dúvidas em viajar. Trata-se de um raciocínio que indica, pelo menos parcialmente, que a escola pública não é um espaço valorizado e vivido como possibilidade de ascensão social e econômica. Mesmo sem nenhuma garantia de sucesso e continuidade, os nativos optam pela oportunidade aberta pelo es-

---

<sup>24</sup> Os meninos da Nova Geração treinavam pela manhã e à tarde, orientados por dois treinadores do clube, sem a presença dos meninos já pertencentes ao clube e que freqüentavam a escola. Somente no final da tarde, após o horário escolar, os outros meninos chegavam para os treinamentos.

porte, indicando que é mais atraente do que o percurso “normal” de permanência na escola pública.

No início da viagem, algumas dificuldades teriam aparecido, mas nada que pudesse comprometer o bom desempenho dos meninos brasileiros.

Era fácil jogar, a gente fazia a diferença, o jogador brasileiro sempre faz a diferença, eles usam a força e a gente usa a técnica. Sempre foi assim, eu posso te falar porque eu já tive lá fora. Não vou falar que não tinha jogador bom, tinha sim, mas com certeza a nossa técnica, a nossa habilidade fazia a diferença, eles jogavam muito duro, mas nada que assuste um bom jogador. (Entrevista com Marcelo, 25/03/2007).

Reforçado pelo fato de ter jogado na Holanda e de conhecer a prática do futebol europeu, Marcelo aponta no seu discurso um pensamento comum, bastante difundido entre profissionais do futebol, mídia, e torcedores: a oposição entre habilidade e força e o discurso identitário que destaca os brasileiros como os mais hábeis e criativos do futebol mundial. Esta imagem apresenta o futebol brasileiro, formado por jogadores com características apropriadas ao que se convencionou chamar de “futebol-arte” ou “futebol-espetáculo”, no qual a criatividade, a técnica apurada, os belos dribles, a intuição e o individualismo podem ser citados como características marcantes. O futebol europeu é apresentado com características antagônicas ao praticado no Brasil, por isso se convencionou chamá-lo de “futebol-força” ou “futebol-competitivo”: baseado na força física, na grande competitividade, na maior obediência aos esquemas táticos determinados e nos jogadores com mais senso coletivo. Observe-se que, embora Cacá indique que ensina o “futebol-arte”, os valores que dissemina em seus treinos se aproximam mais do tipo ideal do “futebol-força”.<sup>25</sup>

Na volta ao Brasil, os três meninos continuaram a treinar na Nova Geração. Como somente a transferência de Leandro foi concretizada, os outros dois jovens seguiram outros caminhos em busca da profissionalização no futebol.

---

<sup>25</sup> Rocha (2003) mostra como a negociação em torno da identidade do futebol brasileiro é fluida e negociada, tomando como exemplo os discursos em torno da vitória brasileira no Mundial de 1994. Teríamos vencido “como alemães”, agregando um novo elemento em nossas representações. Sobre as representações do “futebol-arte” e do “futebol-força”, conferir as análises de Soares e Lovisolo (2003).

Para Marcelo, a desistência do Feyenoord em contratá-lo foi um “golpe duro” de ser assimilado:

Na verdade eu na época não entendi porque o Leandro foi na minha frente, se os diretores de Feyenoord tinham falado que eu era o primeiro. Eu acho que o meu empresário, o João Rubens,<sup>26</sup> poderia ter me ajudado mais, inclusive ele já falou isso para mim, que ele foi covarde, não bancou com os caras que eu tinha que ir primeiro, ele foi ajudar o outro garoto que está lá até hoje e levou [dele] um pé na bunda, levou uma facada pelas costas, o garoto largou ele e nunca mais quis saber dele. Um dia ele chegou e falou: Marcelo você é que tinha que estar lá, eu te prejudiquei sem querer, fui confiar em quem não devia e fui passado para trás. Por isso que ele disse que foi covarde, porque o Leandro já treinava na escola antes de mim e os caras da Holanda viram ele jogar antes de mim também, mas depois que a gente voltou da Holanda, os diretores do Feyenoord queriam que eu voltasse primeiro porque eu era mais velho e também tinha sido aprovado no teste, mas o João Rubens forçou o Leandro na minha frente, alegando que ele era muito pobre, morava em uma casa “derrubada” e eu tinha mais condições, morava numa casa melhor. (Entrevista com Marcelo, 25/03/2007).

O discurso de Marcelo contrasta com o de Seu Cacá na medida em que a responsabilidade do fracasso não recai na falta de disciplina ou de ordenamento que potencializasse o dom de jogar futebol, algo demonstrado pelo menino na Holanda. Desta vez é o empresário que é responsabilizado pela não viabilização da carreira internacional. A responsabilidade permanece, no entanto, individualizada, sem qualquer menção a outros fatores, como econômicos, por exemplo, que pudessem ter impedido o retorno a Rotterdam. Os dados não permitem inferir quais poderiam ter sido esses condicionantes, mas interessa destacar o caráter individualizante da atribuição de responsabilidade, assim como é o de mérito, na equação entre dom e empenho individual.

---

<sup>26</sup> João Rubens intermediou, segundo Seu Cacá, as negociações de Leandro com o clube holandês. O empresário foi chamado por Cacá para auxiliar na transferência dos jovens. Segundo afirma, Rubens tinha duas características que o credenciavam para auxiliar os jovens: dominava o inglês e tinha experiências prévias na transferência de jogadores brasileiros para o exterior. O treinador afirma que nada lucrou com o contrato dos jovens. A falta de interesse financeiro é sempre exteriorizada pelo treinador, o que reforça sua legitimidade perante os pais dos jovens. Seu Cacá, neste sentido, é aquele que faz *por amor, porque gosta, sem interesses comerciais*.

O Clube de Regatas do Flamengo foi o primeiro que Marcelo procurou ao voltar ao Brasil sem ter sua transferência para o exterior concretizada.<sup>27</sup> Treinou por quatro meses na categoria Infantil, mas não foi incorporado ao clube, nem registrado na Federação Carioca de Futebol. Resolveu em seguida procurar o Olaria – clube da segunda divisão do futebol carioca –, onde também ingressou na categoria infantil. Marcelo jogou cinco anos no Olaria, chegando a atuar na equipe profissional no campeonato carioca de 1998. No ano seguinte, transferiu-se para o Clube de Futebol do Zico, da mesma divisão, onde atuou pelos juniores por um ano e meio.

O empresário de futebol João Rubens, que acompanhava o menino desde a sua viagem para a Holanda, conseguiu logo após um contrato com um time que então disputava o campeonato mineiro da primeira divisão, União Recreativa dos Trabalhadores, conhecido como URT., da cidade de Patos de Minas, onde ele permaneceu por seis meses. Na sua volta ao Rio de Janeiro, Marcelo recebeu um convite de um diretor do Ceres Futebol Clube, de Bangu. Jogou dois campeonatos da segunda divisão por este clube, recebendo, em seguida, uma proposta do Centro Esportivo Arraial do Cabo, da cidade de mesmo nome, na região dos lagos do Estado do Rio de Janeiro. Por esse time, disputou pela terceira vez o campeonato da segunda divisão carioca.

Antes de abandonar a carreira, chegou a fazer um período de testes no Friburguense Atlético Clube, clube que representa a cidade de Friburgo, região serrana do Estado do Rio de Janeiro, na primeira divisão carioca. Mas, mais uma vez, não conseguiu ser incorporado à equipe principal, desta vez devido aos problemas de sua documentação, que ainda estava “presa” ao Olaria.<sup>28</sup> Depois de mais esta tentativa frustrada, Marcelo resolveu abandonar a carreira futebolística, no ano de 2005.

O sonho de tornar-se um jogador de futebol famoso, atuar na Europa, alcançar independência financeira, ainda faz parte da sua vida, mesmo que na forma de um mal-estar, de um ressentimento. Marcelo revelou em entrevista

---

<sup>27</sup> Quando voltou da Holanda, Marcelo continuou treinando por seis meses na Nova Geração, na expectativa de retornar ao Feyenoord, desta vez com um contrato. À medida que os meses passaram e o jovem percebeu que suas chances diminuía consideravelmente, ele passou a procurar outros clubes e abandonou a Nova Geração.

<sup>28</sup> Na linguagem nativa do futebol estar com a documentação “presa” a um clube significa a existência de vínculo contratual.

não se conformar por ter chegado tão perto, por ter tido uma *oportunidade* que poucos jogadores têm, sem que o sonho tenha se concretizado:

Olha, bate uma decepção, sim. Decepção por não ter conseguido e ter chegado tão perto e perder a oportunidade de realizar um sonho que era o de jogar, que é a aquilo que eu sempre soube fazer, o dom que Deus me deu, sabe? Hoje é difícil para mim falar disso tudo, eu vejo muitos garotos tentando jogar, tentando realizar os sonhos, eu me vejo no lugar deles e penso em tudo que passou, como eu também pensava como eles, que iria conseguir realizar os meus sonhos. Não posso falar que não bate uma decepção porque eu estaria mentindo para você. [...] Quando eu vejo uma reportagem falando de jogadores que estão na Europa, mostrando a vida que eles têm [...] bate uma tristeza grande, algumas vezes não consigo segurar e choro, eu tenho essa tristeza dentro de mim eu sei que hoje, se eu estivesse na Holanda, eu poderia dar um conforto para os meus pais que já estão velhos e trabalham até hoje, poderia ajudar mais a minha filha e a minha família toda. (Entrevista com Marcelo, 25/03/2007).

A reconversão do capital adquirido ao longo dos anos de treino no futebol se mostra difícil. Marcelo possui poucas qualificações para o mercado formal de trabalho. Não concluiu o Ensino Médio e não possui cursos que possam mais bem qualificá-lo para a competição do mercado. Seu trabalho hoje não o satisfaz e não há perspectivas para a ascensão econômica. Por isso seu discurso afirma que o “sonho acabou”. Não se trata apenas de jogar futebol profissionalmente, mas também de *dar conforto aos pais velhos, ajudar a filha*.

## Considerações finais

Como procuramos demonstrar anteriormente, encaminhar um menino na carreira de futebolista profissional, principalmente nas camadas populares, é um projeto familiar. Todos auxiliam da maneira que podem para que o jovem com maiores habilidades possa realizar seu sonho. O sucesso de um é o de todos. O inverso também é verdadeiro. A fala de Marcelo marca a desilusão com uma carreira que, além de altamente competitiva, apresenta oportunidades muito breves e escassas.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Sobre o processo de seleção de novos talentos em clubes no Brasil, ver Damo (2005) e Paoli (2007).

Um engenheiro ou médico pode iniciar sua carreira com 25, 35 ou 45 anos, ainda que as dificuldades se avolumem com o avanço da idade. No caso do futebolista o prazo para a profissionalização é mais rígido, em geral no final da adolescência. Não há muitas oportunidades de reconversão<sup>30</sup> do capital investido e, à medida que o tempo passa, a entrada no mercado do futebol de espetáculo se torna mais difícil.

Temos, portanto, uma situação inversa a do mercado formal de trabalho. No futebol, o treinamento intenso e a especialização se iniciam na infância e/ou adolescência. A profissionalização ocorre, salvo exceções, entre os 18 e 20 anos de idade. Essa realidade faz com que os jovens que almejam êxito tenham que, desde cedo, apostar todas as suas fichas no sonho da profissionalização no futebol. Para aqueles que têm outras opções, o futebol aparece como um sonho que deve ser equilibrado com outras estratégias de formação. Sobre esse argumento Seu Cacá, em uma de suas palestras, falou sobre um jovem da escola que possui uma casa de praia na Região dos Lagos do Estado do Rio de Janeiro:

Quem não tiver interessado em continuar na escolinha pode ir embora eu não quero ninguém insatisfeito aqui. Porra, o cara tem casa em Saquarema, o cara é bacana, porra! Não pode vir treinar tem que ficar na praia tirando onda [...]. (Diário de campo, fala de Seu Cacá na palestra inicial antes do treinamento, 12/08/2006).

Entretanto, a situação parece se inverter em famílias pobres ou com poucas possibilidades. A escola pública talvez não represente uma experiência que ofereça condições reais para a ascensão social e econômica. Sem perspectiva de ingressar em uma universidade ou curso técnico de prestígio como os oferecidos pelas Escolas Técnicas Federais,<sup>31</sup> resta aos jovens homens sonharem com outras possibilidades. A corrida para alcançar um posto de trabalho no limitado campo do futebol profissional exige uma escolha precoce do jovem e, por vezes, dos familiares que oferecerão o suporte necessário para viabilizar o

---

<sup>30</sup> Há um mercado para os ex-jogadores que podem se tornam técnicos de futebol. Não percamos de vista, no entanto, que se trata de um espaço profissional ainda mais enxuto que o de jogadores. Nos últimos tempos observa-se uma presença cada vez mais numerosa de técnicos que aliam a experiência anterior como jogadores profissionais à formação nos cursos superiores de Educação Física.

<sup>31</sup> As Escolas Técnicas Federais possuem uma relação candidato & vaga superior à entrada em cursos valorizados nas universidades públicas. O ingresso nessas instituições é predominantemente de filhos das camadas médias.

sonho. Trata-se, nos casos das famílias das camadas populares, de um projeto que prevê esforços para viabilizar a rotina de treinos, alimentação e descanso.

Com um maior fluxo de capitais centrado nos grandes espetáculos esportivos, é necessário que o jovem desenvolva suas habilidades orientado por indivíduos capacitados que irão auxiliá-lo a atingir seu pico de desempenho. Isso inviabiliza a trajetória marcada por jogos informais, as “peladas”, como forma de desenvolvimento das capacidades atléticas daqueles que almejam hoje os principais postos de trabalho no Brasil e no exterior. O que ocorre de fato é a inserção dos jovens escolhidos em sistemas rígidos de treinamentos em clubes ou escolinhas. Lá recebem a orientação dos técnicos e são submetidos a rotinas diárias de treinamento. Não raro são os sistemas de albergamento, nos quais jovens de diferentes regiões do país se hospedam e passam a ter todo o seu dia supervisionado pelos funcionários, treinadores e diretores dos clubes.

De fato, carecemos de mais dados que indiquem, por exemplo, como ocorreu a conciliação entre o treinamento e a escolarização de jogadores profissionais. Em que medida a exposição a todo esse treinamento inviabiliza a continuidade nos estudos, mesmo com os esforços de alguns clubes em tentar garantir a escolarização dos atletas? A pergunta se torna mais pertinente quando reforçamos o argumento que indica que o mercado do futebol de espetáculo é pequeno e proporciona poucos postos de trabalho. Mesmo que ofereça remuneração acima da observada no mercado formal de trabalho (Damo, 2005), esses postos não se expandem. Além disso, o capital adquirido nos treinamentos é de difícil reconversão no caso de uma profissionalização frustrada ou ainda no momento da aposentaria do jogador profissional.

Esse quadro demonstra que a escolha da profissão oferece inúmeros riscos para aqueles que buscam conquistá-la. Nesse estudo, relatamos a trajetória de dois jogadores que iniciam suas carreiras na mesma escola, mas que têm resultados diferentes. Leandro realiza seu sonho e de sua família e se profissionaliza no mercado europeu de futebol profissional. Marcelo, por sua vez, não consegue se estabilizar na carreira e se vê obrigado a trabalhar no mercado formal em atividade distante daquela para a qual se preparara. Esse reingresso é difícil, uma vez que o jovem investiu grande parte de sua juventude nos treinamentos, o que não o auxilia no momento em que busca uma colocação em outro tipo de trabalho. Não concluiu o ensino médio, não tem cursos de especialização profissional e foi obrigado a assumir um emprego que exige pouca qualificação e oferece baixa remuneração.



Por fim, uma outra questão que se coloca é que existe uma agência de formação profissional de jovens aprendizes que funciona no Brasil e em vários países sem nenhuma política estatal de apoio, supervisão ou conciliação com a escola básica. Isso faz com que iniciativas positivas, como a de Seu Cacá, tanto quanto outras, de caráter duvidoso em termos formativos, venham a preencher o vazio de políticas para formação de jovens. Assim, se as histórias dos poucos bem-sucedidos continuarão a aparecer na mídia para alimentar o sonho dos jovens talentosos das camadas populares, as dos mal-sucedidos seguirão se multiplicando e ficando apenas guardadas nas memórias daqueles que apostaram o melhor de suas vidas e vivem apenas da lembrança de que a *sorte* um dia se lhes escapou aos seus pés.

## Referências

- CACÁ aos Ronaldos. *Veja*. São Paulo, 21 out. 1998. Esporte, p. 96-97.
- CRAQUE tipo exportação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 dez. 2004. Revista de Domingo, p. 34.
- DAMO, A. S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process*. Oxford: Blackwell, 1986.
- GUEDES, S. L. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, R. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 59-74.
- GAY, P. *The cultivation of hatred*. New York: Norton & Company, 1993.
- GIACOMINI, S. M. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro: o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2006.
- OS MENINOS da Holanda. *O Dia*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1997. Caderno de Esportes Ataque, p. 15.

MENINOS do Brasil, as meninas dos olhos da Europa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 set. 1999. Cadernos de Esportes, p. 16.

PAOLI, P. B. *Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos*. Tese (Doutorado em Educação Física)–Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

REPETÊNCIA maior, só na África. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 maio. 2008. O País, p. 3.

RIAL, C. S. Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém... *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, v. 61, p. 163-190, 2006.

ROCHA, E. *Jogo de espelhos: ensaios de cultura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SOARES, A. J. G.; LOVISOLO, H. R. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-144, 2003.

SOUZA, C. A. M. de. *Escola de Futebol Nova Safra: formação de talentos e de homens*. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

TÉCNICA brasileira no futebol é falta de escola, diz Henry. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jun. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u104873.shtml>>. Acesso em: 29 jun. 2006.

TORRI, D.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 499-512, set./dez. 2007.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WACQUANT, L. Putas, escravos e ganhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132000000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 jun. 2008.

WACQUANT, L. *Corpo e alma*: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZALUAR, A. M. O esporte na educação e na política pública. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 38, p 19-45, abr. 1991.

Recebido em: 27/02/2008

Aprovado em: 23/06/2008